

O DISCO SOLAR EM AMARNA: A RELAÇÃO DO FARAÓ AKHENATON COM O DEMIURGO DEUS ATON (c. 1353–1335 a.C.)

THE SUN DISK IN AMARNA: THE RELATIONSHIP OF PHARAOH AKHENATEN WITH THE DEMIURGE GOD ATEN (c.1353–1335 BC)

Danielle Guedes dos Santos¹

Resumo: O cenário da Reforma Religiosa de Amarna (c. 1353–1335 a.C.) elegeu como protagonista o deus Aton, divindade escolhida pelo faraó Akhenaton para ser o deus demiurgo criador que brilharia no horizonte do disco solar. Aton absorveu as prerrogativas de outras divindades do processo de criação e somente aqueles que acreditassem na verdade do Disco Solar, seriam tocados pelos seus raios e renasceriam numa outra vida outrora pensada e ensinada — mesmo vaga de ensinamentos, a expressão da reforma de Amarna demonstrava o que o rei Akhenaton compreendia ser a forma correta de religião — pelo representante terrestre do deus Aton, o monarca Akhenaton corroborando a relação estreita entre o rei e sua divindade que reinou sob o panteão amarniano, demonstrando que o processo de estabelecimento da reforma de Amarna se estruturou como a cristalização de uma ideia iniciada pelos monarcas anteriores a Akhenaton, na medida que a super exaltação da figura do monarca como reflexo a vontade divina, trouxeram uma relação cada vez mais paralela em tornar visível tudo que abarcava o Disco Solar.

Palavras-Chave: Akhenaton; Aton; Disco Solar; Reforma; Amarna.

Abstract: The scene of the Religious Reformation of Amarna (c. 1353–1335 BC) chose as the protagonist the deity chosen by Pharaoh Akhenaten to be the creator demiurge god who would shine on the horizon of the sun disc. Aten absorbed the prerogatives of other deities in the process of creation and only those who believed in the truth of the Sun Disc would be touched by their rays and be reborn in another life once thought and taught — even vague of teachings. which King Akhenaten understood to be the correct form of religion — by the terrestrial representative of the god Aten, the monarch Akhenaten corroborating the close relationship between the king and his divinity who reigned under the Amarnian pantheon, demonstrating that the process of establishing the Amarna structured as the crystallization of an idea initiated by the monarchs before Akhenaten, in the media that the super

Artigo submetido em 31/03/2018. Aprovado em 14/05/2018.

¹ Mestranda em História Política pela UERJ – Linha de Pesquisa em Política e Cultura; Pós-Graduada em História Antiga e Medieval – UERJ; Graduada em História – FIS. E-mail: danielle_guedes@hotmail.com



exaltation of the figure of the monarch as a reflection of the divine will, brought an increasingly parallel relation in making visible everything that comprised the Sun Disc.

Keywords: Akhenaten; Aten; Sun Disc; Reformation; Amarna.

Introdução

A implantação da reforma religiosa (c. 1353 a 1335 a.C.) do monarca Akhenaton estabeleceu um projeto político-religioso que marcou o cenário de transformações no panorama cultural da tradicional religião do Egito Antigo. A cidade de Akhetaton — hoje conhecida como Amarna — localizava-se no Médio Egito, na margem direita do Nilo, entre as cidades de Mênfis e Tebas. Guardando nas estelas de fundação, o relato quanto à delimitação do espaço da cidade, apontada pelo próprio deus Aton para ser o seu polo de adoração.

Como decretado na Estela K, a cidade deveria ser erigida em solo nunca antes tocado: “[...] que não pertence a um deus, que não pertence a uma deusa, que não pertence a um governante [...]” (DAVIES, 1907). Akhetaton deveria ser projetada para durar e expressar a simbologia atonista como decretava e estimava o faraó Akhenaton. Tendo como influência divina o elo com o deus Aton, Akhetaton foi palco para a contemplação em templos e para hinos de adoração que buscavam enfatizar a supremacia do deus Aton, como forma de legitimar o reinado de Akhenaton.

O Egito do Reino Novo presenciou mudanças antes jamais vistas em outras dinastias. A teocracia faraônica como forma de governo em que a autoridade emanada dos deuses ou do deus era exercida por seu representante na terra, na promoção do Estado, atingindo seu ápice ao elevar um único deus como criador e soberano de tudo. Aton, o deus representado pelo Disco Solar, reinou no panteão divino do período de Amarna, colocando como alvo de perseguição (CHAPOT, 2011, p. 94) a divindade Tebana, o deus Amon. Com base na documentação textual — tanto as estelas limites, como a estela K, quanto os hinos ao Aton — verificamos que o monarca Akhenaton reconhecia a existência de outras divindades, bem como a existência de culto a deuses locais, pois nas escavações realizadas nos sítios arqueológicos nas cidades de Mênfis e Amarna foram encontradas estatuetas de outras divindades (GRALHA, 2002).

Seguindo a corrente da Monolatria, o que defendemos é a preferência de culto a uma divindade específica dentro do projeto político-religioso configurado em uma reforma



exercida na figura do governante. Com essa reforma expressa por transformações nas práticas de adoração e cultos nos templos e, nos documentos de circulação religiosa, bem como nas modificações no contexto artístico de acordo com a vontade do regente, em relação à divindade que ele escolheu para adorar, demarcando na religião de Akhenaton um deus soberano nos céus, “uma divindade menor de Heliópolis chamada Aton — o disco solar — e uma outra divindade Terrena, o próprio rei, filho legítimo e imagem de Aton” (GRALHA, 2002, p. 53)

O culto ao deus Aton deveria passar pela aprovação do Faraó, já que o mesmo era a representação viva do deus na terra, devendo ser a única forma e ponte de conexão com a divindade remetendo a um culto exclusivo e elitista. A Tríade Divina foi uma das ações que sofreu modificação no cenário da simbologia representativa de Akhetaton. Muito semelhante ao aspecto estrutural de um triângulo — uma ponta superior e duas nas extremidades esquerda e direita, formando a base — a Tríade Solar Atonista desdobrava-se partindo do deus Aton, caindo sobre o casal Akhenaton e Nefertiti — o monarca e a rainha personificavam os princípios masculinos e femininos da religião amarnina — reforçando a ideia de divinização em vida. “Akhenaton era o rei-deus, que governava os vivos na Terra, Aton era o deus-rei que governava o horizonte do céu e legitimava a ação do único que o conhecia, seu filho” (GRALHA, 2002, p. 141).

A partir desse contexto buscamos neste presente artigo, analisar o estabelecimento das práticas de culto ao deus Aton e a relação do faraó Akhenaton com o seu deus dinástico, em seu projeto religioso existente no episódio que ficou conhecido como a Reforma de Amarna, evidenciando que a religião amarniana foi marcada por instabilidades, super exaltação da figura do monarca, uma crença de caráter elitista e que se estruturava apenas a luz do dia, ao poder potente dos raios solares que se renovavam a cada manhã abençoada pelo deus Aton.

1. O deus Aton

O monarca Akhenaton elegeu como símbolo de sua reforma religiosa o deus Aton, sendo a manifestação visível do Disco Solar. Aton foi caracterizado através do simbolismo expresso na construção da cidade de Akhetaton, em seus hinos de adoração — o Grande Hino a Aton e o Pequeno Hino ao Aton — e na arte espalhada ao longo do espaço de



Amarna, como o sol dotado de raios que terminavam em mãos, atribuindo significado religioso a ação de direcionar os raios solares abençoando e tocando os homens com a sua bondade e concedendo a vida — ao que se refere à reforma de Amarna, iniciada pelo faraó Akhenaton, percebemos que “os raios” saídos do Disco Solar Aton, agradavam principalmente o rei Akhenaton e sua família — e nas palavras de Kemp:

Ajenatón colocó al disco visible del sol, al cual los egipcios generalmente daban un nombre: el Atón. Tenía la imagen de un disco del cual descendían numerosos rayos, cada uno de ellos acabado en una pequeña mano. Como si fuera un rey, al Atón también se le dieron dos nombres escritos dentro de cartuchos [2].

(KEMP, 1992, p. 333)

Akhenaton buscava em sua reforma unir cada vez mais os poderes políticos e religiosos contidos na figura do faraó. Para isso deveria romper com a chamada ordem tradicional que concedia poderes aos sacerdotes em agir em nome do rei, ou tornavam-se capazes de executar funções antes cabíveis ao monarca. Fazia-se necessário o estabelecimento de uma religião — ou ideia de religião — mais universalista e é nesse sentido que o fomento do culto ao sol como marca do Império Novo, se torna mais potente e simplificado na visão do monarca Akhenaton. O surgimento do culto ao Disco Solar Aton, não foi uma novidade exclusiva do período de Amarna — mas obteve seu exagero máximo de adoração no período amarniano — mas sim um movimento caracterizado como uma reforma que segundo Simpson, expressa “uma volta ao culto solar real do Reino Antigo” (SIMPSON, 1973, p. 289).

“El disco solar, Aton, no fue una creación de Amenofis IV, ya desde sus antecesores, entre ellos Tuthmosis IV (c. 1412–1402 a.C.) y Amenofis III (c. 1402–1364 a.C.), existió un culto a este, dios [3]” (GESTOSO, 1991, p. 46). O culto ao deus Aton não teria sido uma exclusividade do reinado do faraó Akhenaton, já havia uma singela evidência deste culto ao sol nas dinastias antecessoras a Amarna, tendo predomínio na cidade de Heliópolis. A reforma amarniana teria relação com uma concepção de culto ao deus do disco solar, iniciada antes de Akhenaton, e a transformação desenvolvida pelo faraó Akhenaton se concentraria como o processo final dessa reforma religiosa, considerada como uma “cristalización en su forma final de una idea concebida durante el reinado de sus predecesores” (GESTOSO, 1991, p. 46) — que não obteve êxito absoluto na manutenção de



continuidade das ideias finais concebidas ao decorrer do reinado de Akhenaton.

As evidências da existência do Aton antes do episódio de Amarna são vastas. Durante o Primeiro Período Intermediário (c. 2134–2040 a.C.) e o Reino Médio (c. 2040–1640 a.C.) aparecem referências da palavra Aton em diversos textos. Segundo Redford (1976) o exemplo mais antigo de referência a palavra Aton aparece em um texto do *Papiro de Abusir*, da V dinastia (REDFORD, 1976, p. 47-48). Ainda dentro desse conjunto de análise, as origens da palavra Aton antes do reinado do monarca Akhenaton são apontadas por Redford, cujo conjunto mais antigo de textos em que a palavra Aton repetidamente se demonstra, está presente nos *Textos dos Sarcófagos*, pertencentes ao Primeiro Período Intermediário e o Reino Médio: “Há frases em que Ra aparece ou está ‘no’ ou ‘no meio do’ seu disco (imyitn.f). Por exemplo, quando o deus do sol é tratado como: ‘Oh, Ra é em quem está no... que em seu disco brilha!’ [...] ‘Ra está em seu disco’, ‘é o senhor do disco’, e ‘Ra e seu disco’” (REDFORD, 1976, p. 47-48).

Neste momento, Aton não é compreendido como uma divindade em definitivo, mas sim como um elemento, uma representação capaz de manifestar a atuação de outro deus – aqui se enfatiza a manifestação da divindade Ra ou Ra-Harakhty — “[...] al menos desde el Primer Periodo Intermedio y Reino Medio, la palabra Aton era usada tanto para designar al sol, como cuerpo celeste, como a la manifestación visible de un dios [11]” (GESTOSO, 1991, p. 47).

E segundo Wilson: “entre los diversos dioses sol o aspectos diferentes de un dios sol no aparece Aton antes de mediados de la dinastia XVIII. La palabra Aton había significado el disco físico del sol, [...] pero no um dios em sí mismo [6]” (WILSON, 1972, p. 303). De fato o deus Aton só aparece como um deus definitivo com a XVIII dinastia, tendo seu maior protagonismo com o faraó Akhenaton, pois o estabelecimento de seus antecedentes como um agente cujo qual uma força divina pode se manifestar — o disco solar, “un símbolo o agente inanimado tangible, pero potente” (GESTOSO, 1991, p. 46) — sob o Reino Novo, Aton se configuraria como uma “divinidad con poder independiente para actuar” (GESTOSO, 1991) em função e ação do disco solar, com o respaldo de ser caracterizado como uma manifestação tangível do poder divino e progenitor do rei — como pai celeste do Rei.

O ampliamto da força de atuação do Disco Solar só é possível através do entendimento que o “faraón gobierna todo aquello que el disco encierra [12]” (GESTOSO, 1991, p. 47). O disco solar vai ganhando características simbólicas a partir da ampliação de



sua qualidade divina e o estabelecimento da relação do rei com o disco solar, apresentando através do monarca seu domínio e relação de poder, até atingir a qualidade de deus primordial (no período de Amarna), reforçando a ideia que o disco solar é o próprio pai criador de todas as coisas no plano celeste, concebendo luz ao seu filho (o faraó) que será seu representante na esfera terrena.

A partir de la Dinastía XVIII se produce una relación estrecha entre el dios sol y el monarca, y como consecuencia surge el nuevo concepto del disco solar, como un símbolo estrechamente relacionado al Imperio. Este nuevo enfoque, durante el Imperio egipcio, surge a partir de la nueva perspectiva universalista [14].

(GESTOSO, 1991, p. 47)

O disco solar Aton se tornará o símbolo máximo do Reino Novo, sob o episódio da reforma de Amarna. Em seu disco solar, Aton absorveu qualidades e características do deus solar Ra, desempenhando seu papel como criador e provedor da vida, manifestando-se pelo seu disco desdobrando em seus raios com mãos, tendo como base o poder de deus criador e atuando junto ao faraó ou intervindo em feitos militares, tornando se possível nesse período observar “un amplio uso de lapalabra Aton (Itn) en su significado de divinidad, que se manifiesta em el disco [14]” (GESTOSO, 1991, p. 48), atribuindo a compreensão da concepção de Aton que varia entre o sentido do disco solar como “vehículo o manifestación en el que undios (Ra) puede residir [14]” (GESTOSO, 1991, p. 47) ou a “manifestación de Aton como undios solar”(GESTOSO, 1991, p. 48).

“Ajenatón veía en el Atón al creador universal de toda vida y así lo comemoro em varios himnos que han sobrevivido entre los relieves de lãs tumbas excavadas em la roca de algunos de sus cortesanos em El-Amarna [4]” (KEMP, 1992, p. 333). Aton foi comemorado nos dois famosos hinos dedicados ao seu nome — Grande Hino a Aton e Pequeno Hino ao Aton — dando-lhe aspectos comparativos de um rei, saudando-lhe em um festival *sed*² para que fosse definitivamente expressado como uma divindade de fato.

O deus Aton expressava-se num diálogo cósmico que interagia entre a unicidade e a multiplicidade que davam sentido a colocação do Aton como divindade. A unicidade de Aton

² A festa *Sed* — ou jubileu — consiste na cerimônia mais importante para o rei. À parte certas exceções raras e especiais, a festa *Sed* era celebrada após trinta anos de reinado, portanto após a passagem de uma geração, e era depois repetida com intervalos breves de três ou quatro anos. HORNUNG, Erik. *O Rei*. In: DONADONI, Sergio (org). *O Homem Egípcio*. Tradução de Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa: Editorial Presença, 1994.



pode ser entendida ao ser abordado por Akhenaton, uma prática de religião que elegeu apenas um deus celeste como agente protagonista de seu culto e ideia de celebração religiosa presente na cidade de Akhetaton. E a multiplicidade de Aton é representada na absorção de prerrogativas de outros deuses solares; no desdobramento da ação divina que concedem ao casal real, o monarca Akhenaton e sua esposa Nefertiti, a função de atuarem como divindades em terra; bem como a flexibilidade de exercer outras práticas de culto aos deuses e elementos do politeísmo egípcio, como já bem apontado pela própria cultura material do período de Amarna.

“Cabia ao Aton e somente a ele prover todos aqueles que criou, através de seus raios vivificantes, indispensáveis para manter a vida de homens e animais, igualmente” (CHAPOT, 2013, p. 129). As ideias de proteção e criação de tudo que pertence ao disco solar são enfatizadas nas passagens do Grande Hino a Aton, onde caracterizam o processo de criação dos seres pertencentes ao plano terreno como uma *“ama de leite no útero que dá o sopro para fazer viver tudo o que ele quiser criar”*, reforçando o princípio de androgenia do deus Aton como pai e mão de tudo criado do seu zênite e como é destacado no Grande Hino, o processo de criação do deus Aton, contempla desde os embriões das mulheres até o quebrar da casca do ovo dos passarinhos:

Os teus raios penetram o interior do mar. Eles suscitam os embriões nas mulheres e o sêmen nos varões; fazem viver o filho no ventre de sua mãe, acalmado-o para que não chore – (como) uma ama de leite no útero que dá o sopro para fazer viver tudo o que ele quiser criar. Quando ele sai do ventre para respirar (?), no dia de seu nascimento, tu abres completamente a sua boca e lhe proporcionas o que é necessário. Quando o filhote de passarinho está (ainda) no ovo, piando (lit. falando) no interior da casca (lit. pedra), tu lhe dás o alento lá dentro para fazê-lo viver. Tua o criaste em sua completude, para quebrar (a casca quando está ainda) no ovo e (para que assim) saia do ovo, para piar, (lit. falar) ao estar completo; ele (então) caminha sobre suas patas (lit. suas duas pernas), (desde que) sai de lá (lit. dele i.e. do ovo)³.

A simbologia presente na religião de Amarna concretiza a luz do Aton de maneira holística, concedendo a cidade de Akhetaton como o horizonte onde o deus demiurgo, Aton se alegra ao se colocar no céu. “Há uma ênfase na potência de energia solar e, mesmo

³ Texto não publicado. Tradução e transliteração de Ciro Flamarion Cardoso. Original em hieróglifos do Grande Hino a Aton, consultar: GRANDDET, Pierre (ed. e trad.). *Hymnes de la religion d’Aton*. Paris: Seuil, 1995. Para uma versão traduzida para o português e comentada, consultar: CHAPOT, Gisela. *O Grande Hino ao Aton e a Expressão da Teologia Amarniana*. Revista Mundo Antigo. Ano II, V. 2, Nº 04, Dezembro de 2013, p. 119-138.



distante da humanidade, o brilho do Aton está na terra em forma de raios” (CHAPOT, 2013, p. 126). Esse sentido que reflete o deus Aton como uma divindade solar ou uma divindade de luz é atribuída a seguinte passagem do Grande Hino:

(Quando) te levantas, belo, no horizonte do céu, ó Aton vivo, aquele que deu início à vida, (quando) brilhas no horizonte oriental, tu enches todas as terras com a tua perfeição. Tu és belo, grande, refulgente, elevado (lit. alto) acima todas as terras. Teus raios cingem as terras até o limite de tudo o que tu criaste. Em tua qualidade de Sol, tua atinges (lit. trazes) os seus confins e os submetes ao filho amado por ti (lit. de ti). (Embora) estejas longe, teus raios chegam à (lit. estão sobre a) terra e acariciam (?) todas as faces (dos humanos).

(GRANDET, 1995)

“A luz configurou-se como um elemento teologicamente imprescindível para a religião de Akhenaton”(CHAPOT, 2013, p. 126), corroborando a assimilação da divindade Shu — que era a luz no processo de criação da teologia de Heliópolis — Akhenaton representou o deus Aton como um agente que distribuía luz sobre todas as terras, pois era “através desta luminosidade que sua divindade se manifestava e não por meio de mitos ou genealogias” (CHAPOT, 2013). Com poderes capazes de gerar proteção e criação o deus Aton, representava a “personificación del poder solar, era el supremo dios y el dios creador, fuente de vida [22]” (GESTOSO, 1991, p. 51) expressando em seus hinos e em todo o conjunto de mudanças teológicas presentes na reforma amarniana, que Aton em seu movimento de renovação diário diurno “era concebido não apenas como o deus solar, mas como um deus de luz”(ASSMANN, 2010 apud CHAPOT, 2013).

2. Akhenaton e o deus Aton

Na concepção dos Egípcios, a pirâmide culminava no rei. Está mais próximo dos deuses, pertence de facto, ao seu mundo e não é separável deles. Em casos particulares, apresenta-se aos homens como um deus, objecto, portanto de veneração cultural. Mas, em primeiro lugar, ele próprio é administrador do culto e representante da humanidade perante os deuses.

(HORNUNG, 1994, p. 239)

A figura do rei egípcio sempre representou um importante elo com as crenças religiosas. Era o faraó responsável pelas provisões de oferendas, culto aos deuses,



intermédio para as ações divinas e passível de receber veneração em vida como um deus no campo terreno. A construção da cidade de Akhetaton sob regência do monarca Akhenaton, super enfatizou a relação divina do faraó com o seu deus dinástico. Ao consagrar o deus Aton com total protagonismo no panteão egípcio antigo, Akhenaton estreitou sua relação com seu pai divino Aton, exaltando ser o único conhecedor de seu culto e único meio de conexão com o demiurgo deus — mas ao longo do processo de instalação da cidade de Akhetaton e o estabelecimento do culto ao deus Aton é possível analisar e reconhecer a relação e função de adoração que a família real, desempenhava no que diz respeito à veneração ao deus Aton e a complexa questão de adoração e substituição ao panteão tradicional egípcio representados agora, pela família real de Akhetaton.

“Como não pode estar presente em todos os templos, tem de delegar as funções cultuais nos sacerdotes; estes, através das cenas reproduzidas, legitimam perante os deuses o seu papel de celebrantes que substituem o rei” (HORNUNG, 1994, p. 239). A manutenção do culto concentrava-se aos olhos do faraó, que era o “Hórus vivo”, o “filho de Ra”, o “senhor das duas terras”, filho do deus sol que administraria o Egito pelo seu estado e status de direito, colocando-se sobre as demais divindades. Para tornar o provento dos cultos mais dinâmicos e frutíferos, o faraó designava sacerdotes⁴ que ficaram encarregados de prestar os cuidados com as divindades, promover os ritos de toda manhã elevação ao sol, lavar as imagens, purificar, acender os incensos, retirar dos templos, entregarem as oferendas, entoar os hinos de adoração e retornar as imagens ao santo dos santos⁵. Deveriam zelar pelos cuidados com os deuses, orientar o monarca para com suas obrigações no culto, perpetuando o fortalecimento do Egito aos pés do filho do deus.

⁴ A profissão de sacerdote foi crescente no Egito. A direção religiosa, cada vez mais era monopolizada, passando de forma hereditária. Os templos e as terras em seu entorno, foram paulatinamente ficando nas mãos do Clero egípcio. As mulheres garantiram seu lugar na hierarquia religiosa participando dos ritos, atingindo grande percentual de sacerdotisas no Reino Novo no culto ao Deus Amon. O poder do culto era do monarca, mas com a liberdade de aconselhamento ao Faraó, o corpo sacerdotal acabava por influenciar nas decisões políticas que conduziam o Antigo Egito. Retirado do livro: “*História da Antiguidade Oriental*”, de Mario Curtis Giordani, Rio: Vozes, 2012. A reforma amarniana aproximou e deu destaque a atuação das mulheres como sacerdotisas, oficiantes de culto. A rainha Nefertiti aparece igualmente como seu esposo, o monarca Akhenaton, provendo oferendas e adoração ao deus Aton, quase que no mesmo patamar do rei. Ela também era objeto de veneração como evidencia a iconografia de Amarna espalhada ao decorrer da cidade e na construção da Tríade Solar Atonista. Para um debate mais amplo a respeito da relação da rainha Nefertiti na reforma religiosa de Amarna, consultar: SOUZA, Ana Cristina Ferreira de. *Nefertiti: Sacerdotisa, Deusa e Faraó*. São Paulo. Madras, 2012, p. 9-160.

⁵ Local que guardava o tabernáculo da estátua, o abrigo onde esta ficava encerrada até o momento do culto. CHAPOT, Gisela. *O SENHOR DA AÇÃO RITUAL: UM ESTUDO DA RELAÇÃO FARAÓ-OFERENDA DIVINA DURANTE A REFORMA DE AMARNA (1353–1335 a.C.)*. Rio de Janeiro/Niterói:UFF. Revista Plêthos, vol. 1, 2011, p.25.



Akhenaton executou transformações que trouxeram “Aton a seu zênite, de maneira que ele superou todas as outras divindades” (SILVERMAN, 2002, p. 94) e para tanto, se fez necessário uma mudança em questões teológicas que expressassem a reforma inserida pelo faraó Akhenaton em prol do deus Aton. Na pessoa do rei se concentravam e se apoiavam “todas as esperanças religiosas” (HORNUNG, 1994, p. 239). O fomento na prática de oferendas caracterizou grande parte do cenário ritualístico existente nas cenas “mais recorrentes nos relevos religiosos templários Amarnianos” (CHAPOT, 2011, p. 27).

“El disco solar llega a ser la representación de la Idea del señorío del mundo [26]” (GESTOSO, 1991, p. 53). Como Aton se manifestava através da luz, a luminosidade do disco solar, desdobrando seus raios em braços terminados em pequenas mãos que pegavam as oferendas depositadas para ele e, entregava a vida, representado pelo símbolo *ankh*, ao seu filho Akhenaton, não existia uma confecção de sua forma, pois no “caso de Aton, dizia-se que este não poderia ser confeccionado por mãos humanas, não possuía um protótipo, fato que impedia os artesões de realizar este trabalho” (CHAPOT, 2011, p. 28).

As estátuas produzidas ao decorrer da história egípcia, que representavam as diferentes formas antropomórficas dos deuses e captavam sua força como receptáculos para o deus se manifestar e agir, pararam de ser produzidas no período de Amarniano. “O Aton só poderia ser representado em relevos em relevos bidimensionais” (CHAPOT, 2011, p. 28) que permitiam ter uma percepção maior da luz produzida pelo Aton, pela qual ele seria capaz de brilhar e manifestar-se — questão essa que não poderia ser alcançada na religião de Amarna, através do uso das estátuas — visto que, diferente “do que ocorrera na tradição faraônica, o deus de Amenhotep IV não era objeto de especulação teológica que durante centenas de anos, respaldado em rico universo iconográfico, moldou as formas divinas do panteão egípcio” (CHAPOT, 2011, p. 28). E como reflexo dessa tendência abstrata da forma como Aton não poderia ser representado, Chapot (2011) menciona que um discurso real inscrito numa coluna em Karnak, destaca que Akhenaton explicita que o deus Aton seria aquele que: “aquele que criou a si mesmo”; “ninguém conhece seus mistérios”; “nenhum artesão conhece suas formas” (CHAPOT, 2011, p. 28).

A exclusividade do faraó com sua divindade de culto está expressa simbolicamente na reforma de Amarna. Se colocando como sacerdote oficial do culto ao deus Aton, Akhenaton deu ênfase ao resgate das origens mais antigas da religião egípcia, que deixavam bem concretas a atuação do rei como principal oficiante do culto prestado aos deuses ou ao deus,



dando destaque a sua própria figura do rei-deus passível de veneração⁶ — tal como a família real Amarniana — pois afirmava ser o único conhecedor dos desígnios do deus Aton, provendo em intermédio e ensinamentos para os seus súditos. “A missão do faraó exaltava o seu poder criador: devia agir sobre a terra como deus e vencer, através da sua natureza divina, a imperfeição do homem” (HORNUNG, 1994, p. 262). A definição da característica dual divina representada na pessoa do faraó, feita por Moret (1902) na sua obra *“Du caractere religieux da la royauté pharaonique”* em 1902, trouxe ao diálogo a definição de “rei-deus” de um modo demasiado indiferenciado (HORNUNG, 1994). “O faraó é um homem, mas a sua função é divina, por outras palavras, é um homem que desempenha o papel de um deus. Além disso, é um sacerdote, um servo dos deuses, que representa perante os homens” (HORNUNG, 1994, p. 257). Ocupando o ponto mais alto da pirâmide social, administrando o Estado e reunindo em sua figura os aspectos físicos e espirituais (HORNUNG, 1994, p. 251) necessários a sua colocação no trono por direito divino, cabendo ao faraó “repetir os actos do deus criador” (HORNUNG, 1994, p. 252) e o aspecto que diferencia o monarca dos demais homens na sociedade egípcia é justamente “o facto de, já em vida ser um deus, poderíamos dizer o (deus na terra)!” (HORNUNG, 1994).

Akhenaton em seu Pequeno Hino ao Aton estabelece esse contato mais estreito com sua divindade de culto, declarando louvar o seu deus: “Teu filho, purificado, realiza aquilo que louvas”. Da mesma forma que estabelece um paralelo com o deus Aton ao transmitir na liturgia do Hino, que o próprio Akhenaton é a imagem de Aton, possivelmente no plano terreno: “(e) gera seu nobre filho, o único (filho) de Ra, à sua imagem”. Essa relação de rei-deus exercida por Akhenaton fica mais clara ao olhar para as evidências contidas na cultura material do período de Amarna. Chapot (2011) aponta que uma “releção de objetos rituais encontrados no templo de Karnak, composto por cinco altares, possui entre outras inscrições, as de um vaso usado para libações” (CHAPOT, 2011, p. 29). A descrição do texto que menciona as oferendas prestadas ao deus Aton, através de Akhenaton, na borda do vaso

⁶ A historiografia aponta que o primeiro faraó a exercer essa atitude mais estreita com os deuses, foi Amenhotep III (c. 1391–1353 a.C.) que inseriu seu nome no disco solar, expressando proximidade com o deus Ra. Mesmo que a reforma de Amarna não tenha se propagado por completo e não tenha representado um elo de continuidade para os sucessores do faraó Akhenaton, alguns vestígios desse caráter da super exaltação da divindade do rei, podem ser observados na XIX dinastia, principalmente no reinado de Ramsés II (c. 1290–1224 a.C.) na construção do complexo de Abu Simbel, no templo dedicado a Ramsés II, cujo templo esbanja a ênfase na figura do rei com suas estátuas colossais esculpidas em rocha e, no interior do santuário, pode ser observado o espaço dedicado aos deuses e a sua própria figura como iguais no mesmo patamar divino (no santuário encontram-se as estátuas sentadas de Ra-Harakhty, Ramsés II, Amon-Ra e Ptah).



é explícito:

Fazendo uma libação ao Aton. Hor-Aten, quando este se levanta no horizonte oriental do céu pelo rei que vive em Maat, NEFERKHEPRURA-UAENRA, o Filho de Ra, Akhenaton, de longa existência e grande na vitória; (e) ele faz libações em seu lugar no Horizonte ocidental do céu.
(CHAPOT, 2011, p. 29 apud MURNANE, 1995, p. 100)

Essa constante relação de práticas de oferendas tanto ao deus Aton, quanto ao monarca Akhenaton, evidencia a necessidade de entregar ao rei as oferendas para a divindade, destacando que “era o rei, e somente ele, quem deveria prezar pelo bom funcionamento do sistema de oferendas divinas” (CHAPOT, 2011, p. 29).

Uma importante mudança no episódio de Amarna diz respeito à estrutura templária promovida pelo monarca Akhenaton. Já que se tratava de uma divindade solar e visível apenas durante o dia, o deus Aton ao inundar os céus com seus raios majestosos propagaria a luz de sua aparição por todos os monumentos erguidos em sua honra. Diferentemente da disposição templária mais tradicional — mas buscando inspiração nos templos mais antigos da cidade de Heliópolis dedicados as divindades solares — que “envolvían la imagen del dios em la oscuridad y el secreto de salas cerradas [3]” (KEMP, 1992, p. 333) e era uma das funções do faraó erguer novas construções ou melhorar algumas outras inacabadas por seus antecessores, e nas palavras de Hornung (1994): “Nenhum particular pode erigir, renovar ou ampliar edifícios de culto, tarefa que compete exclusivamente ao soberano”.

O sentido da criação dos templos e monumentos em geral erguidos pelo rei, segundo Hornung versa em inundar pelo esplendor emanado dos templos do rei e (re)jubila com ele, na medida em que os monumentos do faraó irradiam luz sobre todo o país (HORNUNG, 1994, p. 255) — ao que se insere o contexto da reforma Amarniana, o Egito é entregue a força da luz no período diurno. Os templos sempre foram locais de interação religiosa e social, também eram locais designados a instrução dos mais jovens e práticas de comércio.

Ao que diz respeito ao cenário religioso, a participação do egípcio comum era controlada, limitando-se a grandes festivais e as primeiras entradas do templo — ou no caso de Amarna, as grandes mesas de oferendas dispostas no lado de fora do Grande Templo ao Aton. Giordani (2012, p. 138) em seu ensaio geral sobre a antiguidade menciona que é possível encontrar vestígios do culto dos fieis em produções como as estelas domésticas ou particulares, bem como as pequenas capelas ou necrópoles e até mesmo as estátuas divinas



e amuletos existentes nos lares da população, como uma tentativa, ou melhor, uma conexão mais direta aos deuses mais populares do culto do egípcio comum. E essa visão é corroborada por Cardoso (2012) ao destacar que existia uma “forte diferença que separava o culto oficial vinculado à monarquia e aos templos (aos quais, aliás, o acesso era extremamente restrito), muito intelectualizado, da piedade popular” (CARDOSO, 2012, p. 99).

O aumento da piedade individual é algo recorrente do período do Reino Novo, em Amarna a população encontrava-se muito dividida com o estabelecimento da nova roupagem nuançada de características do tradicionalismo religioso egípcio, que o rei apresentava a elite e ao povo. Observando o cenário de Amarna é possível perceber a relação construída pelo faraó Akhenaton que consistia no retrato da família real como exclusiva ao culto e recebendo bençãos diretas do deus Aton: As “cenas bastante informais as quais procuravam exaltar a relação entre Akhenaton, Nefertiti, e as seis filhas do casal” (CHAPOT, 2011, p. 32) delimitava enfaticamente a projeção de culto. Chapot ao fazer uma análise do discurso exposto por Assmann aponta que: “ao contrário do que fora verificado na tradição anterior, não era para a humanidade que o Aton diariamente despontava no horizonte, mas para o próprio faraó” (CHAPOT, 2011, p. 32 apud ASSMANN, 2001). Esse proselitismo apresentado pelo faraó Akhenaton demonstrava o monopólio de exclusividade para com o deus Aton, do qual só uma elite era beneficiada, visto que na religião de Akhenaton “cenas retratando a atividade intensamente pessoal da família real e mostrando a sua proximidade com a divindade parecem ter substituído os mitos e histórias dos deuses encontrados na religião do passado do Egito” (SILVERMAN, 2002, p. 105) na medida em que o culto a divindade do rei em vida reforçava a dinâmica que o deus realizava seu curso para dar vida ao seu filho, único que conhecia plenamente seus desígnios.

Assim sendo, a humanidade dependia do governante para lhes conceder o alento necessário para subsistir: “Akhenaton era o senhor da vida e da morte” (CHAPOT, 2011, p. 32), tornando a humanidade dependente da identificação entre deus e rei, abolindo explicações com caráter mais sustentáveis do cosmo egípcio, trazendo insegurança a população que acabara por buscar subterfúgios tradicionais diferentes dos apresentados na religião de Akhenaton, que acabava por refletir “os problemas de ordem na sociedade e de como e por que os acontecimentos afetavam os indivíduos” (BAINES, 2002, p. 153) pois demonstrava “que tudo, do mais alta ao mais baixo, poderia ser afetado pelo desastre”



(BAINES, 2002, p. 153), tendo em Amarna uma despreocupação com a presença do homem comum e as inseguranças da população frente aos acontecimentos, pois a religião Amarniana com uma divindade em destaque de culto e o rei e a família real como objetos regularmente venerados dentro dessa concepção, reforçavam e refletiam um deus positivo e benevolente, atuante no período diurno, mas ausente durante as 12 horas do curso noturno, colocando angustias e temores significativos do caos e da desordem, aumentando o laço de interação com as divindades mais próximas a realidade dos egípcios menos abastados, pois a “exclusividade excessiva fazia Aton praticamente objeto de adoração unicamente da família real” (CHAPOT, 2011, p. 32).

Considerações finais

Akhenaton gozando dos plenos poderes concentrados na figura do monarca estabeleceu uma reforma que se concentrava em crer na verdade do Aton, para alcançar a graça e bênçãos presentes no deus demiurgo criador escolhido por ele para reinar no panteão de Amarna. O contexto dessa relação entre o deus Aton e o faraó Akhenaton, expressou simbólica e representativamente, a exclusividade para com a divindade, destacando a figura do regente — e de sua família — como receptor para a construção do ciclo diário para qual o rei, junto com sua divindade, renasciam em função de equilibrar o Egito e dispersar o *caos* que assolava a noite onde o Aton se encontrava distante. Ao raiar do dia, Akhenaton demonstrava que da mesma forma que as “imagens cultuais e os animais sagrados, também o faraó pode converter-se em manifestação do deus sobre a terra” (HORNUNG, 1994, p. 253), passível de veneração e culto para agir em função do deus criador Aton ao ser tocado pelos seus raios ao louvar seu deus pela manhã.

Portanto, a reforma religiosa de Akhenaton representou uma extraordinária transformação existente no Egito Antigo. Seu processo estrutural permitia compreender o que era “considerado importante por um faraó na constituição de uma cidade” (COELHO, 2015, p.80) e no período de Amarna, a representatividade simbólica da religião guardava a resposta de uma eternidade duradoura, tocada e abençoada pelo deus bom, representado por Akhenaton na figura de ordenador do *caos*, equilibrando o mundo no tempo presente do sol que provia por toda a existência da vida, proposto a ensinar o que ele — sob influência do deus Aton — concebia ser a forma correta de religião (KEMP, 2012).



Referências

ASSMANN, Jan. *The Search for God in Ancient Egypt*. Ithaca: Cornell University Press, 2001.

BAINES, John. *Sociedade, Moralidade e Práticas Religiosas*. In: SHAFER, Byron E. (org). *As religiões no Egito Antigo: deuses, mitos e rituais domésticos*. Tradução de Luis S. Krausz. São Paulo: Nova Alexandria, 2002, p. 150-230.

CARDOSO, Ciro Flamarion S. *O Egito Antigo*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

CHAPOT, Gisela. *O Grande Hino ao Aton e a Expressão da Teologia Amarniana*. Revista Mundo Antigo. Ano II, V. 2, Nº 04, Dezembro de 2013, p. 119-138.

_____. *O senhor da ação ritual: um estudo da relação faraó-oferenda divina durante a reforma de Amarna (1353–1335 a.C.)*. Rio de Janeiro/Niterói: UFF. Revista Plêthos, vol. 1, 2011, 300 p.

_____. *El Amarna: O Horizonte do Disco Solar*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion S.; OLIVEIRA, Haydée (orgs.). *Tempo e Espaço no Antigo Egito*. Niterói: RJ. PPG-História, UFF, 2011, p. 93-109.

COELHO, Liliâne Cristina. *MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS NO USO DO ESPAÇO: A CIDADE DE TELL EL-AMARNA E A QUESTÃO DO URBANISMO NO EGITO ANTIGO*. Rio de Janeiro: UFF. Tese de Doutorado, 2015, 308 p.

DAVIES, N. de G. *The Rock Tombs of El-Amarna V: Smaller tombs and boundary stelæ*. London: Egypt Exploration Fund, 1907.

GESTOSO, Graciela Noemí. *El cultu a Atonen el Egipto de la Dinastía XVIII: Sus antecedentes*. Buenos Aires – Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (Programa de Estudios de Egiptología). Revista de Estudios de Egiptología 2, 1991, p. 45-55.

GIORDANI, Mario Curtis. *História da Antiguidade Oriental*. 15ª emp. Rio: Vozes, 2012.

GRALHA, Julio César Mendonça. *Deuses, Faraós e o Poder: Legitimidade e Imagem do Deus Dinástico e do Monarca no Antigo Egito*. Rio de Janeiro, Barroso Produções Editoriais, 2002.

GRANDET, Pierre (ed. e trad.). *Hymnes de la religion d’Aton*. Paris: Seuil, 1995.

HORNUNG, Erik. *O Rei*. In: DONADONI, Sergio (org). *O Homem Egípcio*. Tradução de Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa: Editorial Presença, 1994, p. 237-265.

KEMP, Barry J. *El Antiguo Egipto: Anatomía de uma civilización*. Traducción castellana de Mónica Tussel. Barcelona: CRÍTICA, 1992.

MORET, A. *Du caractere religieux da laroyauté pharaonique*. Paris, 1902.



MURNANE, William. *Texts from Amarna Period in Egypt*. Atlanta: Scholars Press, 1995.

REDFORD, Donald B. *The Sun-disc in Akhenaten's Program: Its worship and Antecedentes*. In *Journal of the American Research Center in Egypt*. EUA, vol. 13, 1976, p. 47-61.

SILVERMAN, David P. *O Divino e as Divindades no Antigo Egito*. In: SHAFER, Byron E. (org). *As Religiões no Egito Antigo: deuses, mitos e rituais domésticos*. Tradução de Luis S. Krausz. São Paulo: Nova Alexandria, 2002, p. 21-108.

SIMPSON, William Kelly (ed.). *The literature of Ancient Egypt*. Yale University, 1973.

SOUZA, Ana Cristina Ferreira de. *Nefertiti: Sacerdotisa, Deusa e Faraó*. São Paulo. Madras, 2012, p. 9-160.

WILSON, John A. *La Cultura Egípcia*. México. Fondo de Cultura Económica, 1972.

